

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO



Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5889 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Sempre ambiguos

NOTAS & COMENTARIOS

A agonia duma quimera

Assim intitulava o sr. Cunha e Costa um seu artigo, ontem inserto na *Epocha*. A quimera já se deixa ver é a República russa. Dois agonizante, o regime dos soviéticos. Lá onde teria o sr. Cunha debober esta caixinha sensacional é que não sabemos, mas provavelmente receberia a notícia pelo telefone. Fácilmente se crê no que se deseja, mas não bastam as crenças para modificar os factos. E o facto é que os soviéticos medram que é uma beleza. Mestre Wren gel que o diga, se é que não perdeu já de todo a fala.

Um pobre de Cristo

E tendo-lhes sido observado pelos operários que semelhante procedimento era indefensável, objectaram alguns dos jornais que pela forma exposta se haviam conduzido que não tinham obrigação de reproduzir as notas dos grevistas. Sabemos que não temos os jornais obrigação de publicar os escritos que accidentalmente lhos são enviados, mas sabemos igualmente que é da mais elementar correção que o jornal que insere, da sua própria conta ou de conta de outrem, uma acusação infundada tem a obrigação moral de reproduzir a defesa, desde que esta seja apresentada em termos dignos.

E o jornal ou jornais que não querem observar estes princípios de correção e de lisura tem que confessar então que estão sistematicamente contrariando uma parte para favorecer outra, e, nesse caso, não poderão afirmar, como alguns capciosamente o tem feito, que mantém uma linha de decoração independente, que os actos não confirmam, antes devem ter a ombriada de tirar a máscara de imparcialidade que avelavam para se apresentarem tais quais são.

O público tem o direito de exigir desses jornais uma atitude séria. Não é que pretendamos que defendam as greves e os grevistas e que ataquem a classe capitalista, porque isso seria exigir-lhes uma coisa absurda. Tal função exerce-a a imprensa operária, à frente da qual se coloca *A Batalha*, que toda a gente sabe que veio para defender infatigavelmente o proletariado e atacar com deodo a burguesia. A nossa posição é também francamente revolucionária que ninguém pode alimentar dúvidas acerca dos nossos propósitos.

Mas já o mesmo não sucede em relação a uma quase toda a imprensa burguesa, que na ansia de iludir o público, se apresenta como independente, quando afinal está permanentemente de cócoras perante os poderosos, sem ter a audácia, exprobar-lhes as inconsequências, atitudes bífrontes, não podem ser o apreço dos que importunadamente os observam, nem mesmo quando, como no caso sujeito, alguma prestava serviços aos representantes das instituições sob os quais se prosternam.

Uma imprensa de tal estofa não tem o nosso respeito, nem tem a consideração de ninguém. E' que dela não há ideal, mas interesse; não defende princípios, mas conveniências; não batalha, como falsamente proclama, por amor ao povo, mas por sistemática subordinação às oligarquias.

E como a maioria da imprensa, tanto país, é assim, mais desacreditada, não pode ela estar.

A nós, revolucionários, merecemos consideração o jornal francamente reaccionário que sinceramente combate por ideias reivindicadas do que a pseudo folha liberal que, sem quaisquer convicções, a anima-la, prega liberdade. Que no primeiro sabemos que encontraremos o adversário irreconciliável, mas adversário que sente, quanto na segunda vamos achar o prosélito de princípios nunca existentes, o que é suficiente a dar-lhe todo o respeito que inscreve o combatente convicto, o combatente convicto só o pode ser estruturalmente honesto.

• • •

De quanto vale neste país a imprensa burguesa, sob o aspecto moral, di-lo a atitude de grosseira circunstância com que ela, salvo algumas exceções, tem acomulado os actuais movimentos corporações de transportes ferroviários. Amputando sistematicamente as notas de origem operária, ao mesmo tempo que assim

UM PROCESSO COBARDE O VAGOM FANTASMA

Restabelece-o o sr. Granjo, depois de havé-lo formalmente condenado no tempo do ministério Sá Cardoso

Entre as numerosas violências praticadas pelo governo de Sá Cardoso, a quando da penúltima greve dos ferroviários da C. P., destacou-se, como mais indigna e repelente, o estabelecimento daquilo que os ferroviários classificaram de vagom-fantasma. Neste vagom, que seguia à cabeça dos comboios, descarrilaram quatro carruagens, metendo violentamente um certo número de grevistas, sob prisão, para que fossem os primeiros a morrer, no caso de desastre, descarrilamento ou choque. A maneira por que pretendeu Sá Cardoso solucionar a greve referida, celebrizou tristemente o seu governo. Contra as tropas, então praticadas nos revoltosos, e não fomos nós os únicos a protestar, porque também na República, onde então pontificava o sr. Granjo, se condenou a maneira de proceder daquele desastrissimo governo. Pois o sr. António Granjo, o mesmo que condenara as prepotências de Sá Cardoso, segue agora as pisadas, demonstrando talvez uma maior brutalidade e uma maior truculência. E o vagom-fantasma, essa odiosa invenção que só os dementidos cérebros de governantes portugueses poderiam criar, o vagom-fantasma é já um facto no Sul e Sueste e na Companhia Portuguesa.

Ontem, no comboio n.º 10, vieram de Setúbal os ferroviários, Luís Carneiro, chefe de estação, Francisco Candeias, chefe da estação e o revisor de material António Camacho, os quais transmiseram no vagom-fantasma, sende em seguida enviado presos para Lisboa.

Além destes seguiram no vagom 201, do comboio 19.0, vagom-fantasma, os ferroviários António Feijo, maquinista, Francisco António da Silva, ajudante de caldeireiro e Manuel Nunes, servente.

Os soldados que seguiram no cabeçote da locomotiva receberam ordem de fuzilar os ferroviários que transitavam no vagom fantasma, se na frente do comboio surgisse algum obstáculo. Esta ordem foi dada pelo capitão Abrantes ao oficial que seguia no comboio. Notabiliza-se assim este capitão, o mesmo que agrediu à bota todos os ferroviários Cebola, como há dias circunstancialmente noticiámos.

O restabelecimento do vagom fantasma, sendo sempre um crime, é praticado neste momento, uma infâmia inclassificável. Toda a via está nun estado deplorável, em consequência do

entrevero que se seguiu no vagom fantasma, por vítimas dum situação que não criaram, ferroviários inocentes, culpados apenas de terem a noção perfeita do que seja dignidade, e de estarem dispostos a defender, correctamente, aliás, os seus interesses legítimos e o seu brio ofendido?

O estabelecimento de vagons fantasmas revela uma tam requintada perversidade, denuncia tamanhão malvadez que custa a acreditar na existência de criaturas capazes de conceber pôr em prática tam revoltante infâmia. E espanta ver com quanto impudor resulta agora o sr. Granjo aquelas mesmas processos que com tanto ardor combateu no tempo do governo Sá Cardoso.

Não se deve por enquanto desastre algum, mas imagine-se a tortura desses homens, cuja vida está em permanente perigo, chefes de família a mor parte delas, sujeitos a morrer por virtude das circunstâncias a que já aludimos, mas estando das linhas ou imperícia dos que actualmente tripulam as locomotivas.

Não inventaram os alemães nada melhor, em processos de indigna cobardia.

Estas transições, porém, entende o governo não representarem coisa nenhuma, pois que o seu fim é conseguir a entrega do pessoal ferroviário, sob as imposições que lhe queria fazer. O pessoal que aprecia a resposta do governo e a sua atitude, e reconhecerá que o movimento tem que prosseguir, embora que isso esteja prejudicando o país, isto por o governo assim o desejar, pois que a greve está à alentar a alimentar os seus fins políticos, com o consentimento do público.

Apesar de tudo, continua este comité disposto a discutir a referida plataforma, quando o governo assim o entenda.

O Comité Central dos Ferroviários do Estado.

Vai tudo bem...

Os guindastes da Companhia União Fabril estão trabalhando para os caminhos de ferro do Sul e Sueste na descarga das fragatas para os vapores.

Oito dos camions postos pelo governo ao serviço dos transportes estão avariados. Os respetivos chauffeurs argumentam não saber trabalhar com outros e um deles aleijou uma das mãos, estando seis detidos por não quererem trabalhar. Em vista da atitude dos chauffeurs chegaram ao Barreiro oito carros pinhados a muares, vindos de Aljustrel para carregar adubos. Numa viagem que fizeram para aquela localidade gastaram quatro dias e na volta, seis.

Estes factos indicam que os serviços na linha do Sul e Sueste correm admiravelmente...

Pedindo a solução da greve

Os presidentes da Junta de Defesa Social e da comissão promotora do Congresso Arqueológico que vai realizar-se no Algarve, pediram ao chefe do governo e ao ministro do comércio que as reclamações dos ferroviários do Estado sejam tanto quanto possível atendidas, a fim de terminar a greve daquele pessoal.

Quem cabritos vende...

Para muita gente é um mistério a vida daquelas que apenas tem, como fonte conhecida de receita, miseráveis salários, motivo que leva os camaradas à revolta.

Eis a proposta:

Por conta e ordem dos meus representantes, cujo nome e endereço oportunamente a designar, proponho a V. Ex.º o seguinte:

O fornecimento mínimo de 50.000 toneladas ou máximo ate 200.000 toneladas, de trigo, das procedências mais vantajosas, e a fixarem, prévio acordo.

Os fornecedores garantem o peso exato de 75 quilos à descarga em Lisboa ou Leixões, verificados na balança Sommer & Runge, mas unicamente para o trigo da Argentina, Uruguai, ou România.

Para os trigos das outras procedências os fornecedores poderão propor o peso específico porque os fornecedores das paises também o não garantem: porém a qualidade dos trigos da Austrália, do trigo da América do Norte, Canadá, Manchúria, etc., já aquém demasiadamente conhecidas, saem da fábrica em geral o peso específico excesso 75 quilos.

Os fornecedores garantem o peso de entreverido Verificado pela Alfândega de Lisboa e Leixões, para os trigos da Argentina, da România, do Uruguai, da Austrália, mas desde que a Alfândega proceda à verificação da pesagem total, não haja resto ou estimação, e a medida da sua descarga para o calabouço n.º 7 do governo civil e dali para a escravaria do Alto do Pina, de onde saiu agora.

Porque estive presente? Não sabe responder aquele operário, porque durante todo este tempo não foi interrogado, não haja tendo ninguém dito, quando lhe deram liberdade, o motivo da prisão. Isto é o que tem sucedido a tantos outros. Comentários não os fazemos.

Prisões arbitrárias

Foi ontem restituído à liberdade o operário Carlos Marx Rodrigues, que preste em sua casa no dia 31 de Outubro, de manhã, sendo conduzido para o calabouço n.º 7 do governo civil e dali para a escravaria do Alto do Pina, de onde saiu agora.

Porque estive presente? Não sabe responder aquele operário, porque durante todo este tempo não foi interrogado, não haja tendo ninguém dito, quando lhe deram liberdade, o motivo da prisão. Isto é o que tem sucedido a tantos outros. Comentários não os fazemos.

Trabalhadores: Lede e propagai

AS GREVES

Ferroviários do Estado

Nota oficiosa

Pelas 14 horas de ontem o Conselho Jurídico da C. G. T., acompanhado pelo secretário geral, foi recebido pelo chefe do governo, o quem oficialmente comunicou que os ferroviários elaboraram uma plataforma para solução do conflito, sobre a qual podia incidir a discussão até se estabelecer um acordo. A essa plataforma e aos intuintos de conciliação dos ferroviários respondeu o governo com as seguintes declarações:

Sobre os decretos, mantém os complementos, não revogando, nem aceitando alteração alguma, apenas aceitava a comissão indicada no terceiro decreto, para substituir a do decreto 7014.

No resto nem falou, declarando que o governo era irredutível em tudo.

Assim, o governo, mais uma vez, declarou uma intransigência absoluta, impulsionando todas as tentativas que se possam fazer para a solução do conflito.

A plataforma que se achava elaborada, e que os jornais de ontem publicaram, admite novos pontos de transição, que no decorrer da discussão iriam surgindo. Além disto continha as seguintes transições:

Sobre o decreto de militarização, mantinha a autoridade moral do governo e o efeito produzido por esse diploma, contra os ferroviários; aceitava a organização de uma comissão, que atendia os pontos do governo em dar representação ao público, na resolução dos assuntos ferroviários; estabelecia o princípio honesto, de submeter a uma comissão, que no entanto mostrava boa vontade em solucionar o conflito que tanto prejuízos tem causado ao país. O público, no entanto, vai-se conformando com essa normalização, viajando sem garantia alguma de segurança e correndo todos os riscos, mas... pagando, é claro, uma sobretaxa!

— Este Comité declara que, em face dos atentados que se estão dando e que têm vindo a público pela imprensa diária, repudia por completo tal grave responsabilidade, por atentar contra a disciplina que os ferroviários tem mantido desde o seu primeiro dia de greve.

O pessoal continua disposto a lutar até que lhe seja feita justiça.

— Começou ontem a circular o célebre vagom-fantasma, voltando-se, portanto, ao tempo do grande Sá Cardoso, sendo metidos no mesmo vagom que seguiria atrelado ao comboio n.º 7, o nosso camarada Arménio da Silva, reformado da C. P. e o ex-ferroviário José Tavares, que enviaram uma carta a este Comité, queixando-se da infâmia.

Continua a normalização na C. P., mas os comboios de Lisboa ao Porto e vice-versa gastam 22 horas e mais. Tudo o que se está passando é de inteira responsabilidade do governo, por isso que o pessoal tem mostrado boa vontade em solucionar o conflito que tanto prejuízos tem causado ao país. O público, no entanto, vai-se conformando com essa normalização, viajando sem garantia alguma de segurança e correndo todos os riscos, mas... pagando!

— Este Comité protesta contra o facto de alguns jornais não publicarem na íntegra as suas notas oficiais, o que é prova de falta de lealdade. — O Comité Central.

Operários municipais

Reúnem ontem os construtores de macadams, os calceteiros e os jardineiros, para apreciar a marcha do movimento, manifestando-se unanimemente pela continuação da greve.

Fizeram uso da palavra vários camaradas, que elatinaram as classes em luta pela forma como se tem mantido, sendo encerradas as sessões no meio de maior entusiasmo.

Hoje réunem os jardineiros, no seu sindicato, largo do Poço Novo, 27, 2.º, 17 horas.

O comité envia-nos a seguinte nota:

Camaradas: Mais uma vez este comité vos manda demonstração que acabais de fazer à câmara.

Será ela novamente marcada na história do nosso movimento, pois é a seguir das feiras que a câmara tem esperado pela nossa volta ao trabalho, julgando que entrariam nos serviços de cabeça baixa.

Enganou-se mais uma vez e é de novo devoiular, continuando este comité a exigir que lhe seja feita a alimentação das justas reclamações, fazendo que muito horra quem o pratica.

Teve o comité conhecimento de ter sido expulso da estação de incêncios n.º 31 um camarada, por se recusar a despedir o seu emprego, papo se o fazendo, imaginando que este é o seu direito, o que assim se consegue resolver o conflito.

Ontem a nossa comissão de melhoramentos não teve entrevista alguma com qualquer entidade representativa da câmara, no sentido de solucionar o conflito, na sequência da sua recusa de fornecer os diplomas, que é devido ao seu caráter de comissão, continuando este comité a exigir que lhe seja feita a alimentação das justas reclamações.

Registamos com mágoa a forma de proceder dos nossos camaradas dos cemiterios, por se sujeitarem a trabalhar guardados a brios, a fim de apreciar a marcha do movimento.

Lida a nota do Comité e aprovada a acta, apreciou-se largamente o resultado da chamada feita pelos industriais ao seu pessoal, verificando-se que, não obstante os anúncios publicados na imprensa, a concorrência a esta sessão foi tal que as vastas salas dos Caixeiros eram pequenas para a comportar, provando-se assim que as oficinas continuam desertas e que a classe, apesar do seu 20.º dia de greve, continua mais firme do que nunca. Por aclamação foi aprovada uma moção, que conclui por não retornar o trabalho sem que na integra sejam satisfeitas as reclamações da classe.

Comunicou-se também à assembleia que se encontram no governo civil os camaradas Joaquim Mendonça Júnior e Palma Campos Costa, sendo proposta a comissão que rende 27\$45, destinada aos presos da classe.

Esta sessão, que decorreu cheia de entusiasmo, foi encerrada por entre vivas à greve, etc.

Hoje, volta esta classe a reunir, a fim de se tomarem resoluções importantes, no local e hora do costume.

O Comité recebemos a comunicação seguinte:</p

